

DESAFIOS NO COMBATE À DESIGUALDADE DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO PARA JOVENS E ADULTOS: TECENDO DIÁLOGOS SOBRE PERMANÊNCIA E ÊXITO DAS DISCENTES

Leonarda Rodrigues da Silva Brito ¹
José Joaquim da Silva Neto ²
Géssika Cecília Carvalho da Silva ³

INTRODUÇÃO

A inserção das mulheres no ambiente escolar brasileiro ocorreu tardiamente; em determinadas camadas sociais, a saber as denominadas minorias, os impactos dessa problemática ecoam até a atualidade e influenciam diretamente na permanência e êxito das estudantes nas instituições de ensino. Com a criação da modalidade de Educação para Jovens e Adultos (EJA), muitas mulheres que não conseguiram ou não dispuseram da oportunidade de concluir seus estudos de forma regular encontraram viabilidade de retornar e finalizar sua formação acadêmica.

Os motivos do retorno dessas mulheres variam, mas em geral estão relacionados à busca por um emprego com melhor remuneração, satisfação pessoal e/ou desejo de serem exemplo para os filhos. As mulheres participantes desta pesquisa, em específico, demonstraram interesse em retornar aos estudos para obter o título de Técnica em Alimentos, pois se trata de uma instituição que oferta este curso integrado à EJA.

Apesar da pretensão de concluir os estudos com êxito, muitas mulheres enfrentam desafios para a permanência na instituição de ensino. Desta forma, a presente pesquisa foi conduzida com o objetivo de analisar os principais entraves enfrentados para a continuidade dos estudos pelas discentes do Curso Técnico em Alimentos da modalidade Educação de Jovens e Adultos do Instituto Federal de Alagoas - Campus Murici. Para esse fim, foram aplicados trinta e quatro questionários para a realização de análise quantitativa, bem como a realização de uma pesquisa de cunho bibliográfico.

¹Discente do Instituto Federal de Alagoas – Campus Murici, curso técnico em Agroecologia, lrsb1@aluno.ifal.edu.br;

² Discente do Instituto Federal de Alagoas - Campus Murici, curso técnico em Agroindústria. Graduando em Nutrição pela Universidade Federal de Alagoas, jjsn2@aluno.ifal.edu.br;

³ Doutora em Sociologia pela UFPB. Professora Efetiva do IFAL – Campus Murici, gessika.silva@ifal.edu.br.

Os dados obtidos apontam a rotina exaustiva como a principal dificuldade enfrentada. As demais respostas mais expressivas indicaram que uma parcela das entrevistadas não apresenta objeções para a permanência na escola e outras não conseguem acompanhar os conteúdos trabalhados em sala de aula, também foi destacada a dificuldade em conseguir transporte diariamente, pois algumas discentes residem na zona rural.

Faz-se necessário, portanto, o levantamento de debates sobre os desafios que serão apresentados na presente pesquisa, assim como formas de contorná-los, intencionando a construção de um sistema educacional que atenda às necessidades das alunas e que contribua para a formação e introdução de mais mulheres nas instituições de ensino.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

O presente trabalho foi dividido em duas etapas, sendo elas: prática e pesquisa bibliográfica. Para a realização do segmento prático foram aplicados trinta e quatro questionários com as alunas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas - Campus Murici, das turmas da Educação para Jovens e Adultos Integrado ao curso Técnico em Alimentos.

O objetivo da pesquisa pautou-se na realização de uma análise quantitativa dos dados obtidos no questionário elaborado pelos autores da pesquisa. Segundo Gil (1999, p.128), o questionário pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”.

As questões abordadas no questionário foram: 1. Você teve a oportunidade de frequentar os estudos de forma regular?; 2. Caso não tenha conseguido concluir, quais foram os motivos?; 3. Quais motivos colaboraram para você entrar na EJA em alimentos?; 4. Quais seus objetivos em concluir a EJA em alimentos?; 5. Quais são as principais dificuldades em permanecer estudando?.

Para a construção deste artigo os dados utilizados foram os obtidos na pergunta de número cinco, com o objetivo de quantificar e analisar os entraves enfrentados pelas alunas para a conclusão de sua formação acadêmica. Além disso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica onde foram analisados 10 trabalhos científicos sendo 7 deles utilizados de forma direta neste trabalho.

REFERENCIAL TEÓRICO

Em uma sociedade letrada, é fundamental que os indivíduos recebam educação escolar para que possam integrar-se. De acordo com Arroyo (2003, p.12), “a EJA é o conjunto de aprendizagens formais ou não formais dos indivíduos que enriquecem seus conhecimentos e habilita suas competências a fim de atender suas necessidades em função do que a sociedade lhe impõe”.

Durante o período colonial, as poucas instituições de ensino voltadas para o público feminino possuíam como objetivo instruir as mulheres a desenvolver habilidades atribuídas ao sexo feminino, seu componente curricular em nada se assemelhava ao presente na educação dos homens, além de serem acessíveis somente às mulheres provenientes de famílias abastadas. De acordo com Vieira e Cruz (2017, p.6):

No Brasil, a trajetória da educação das mulheres é tecida com a história da colonização brasileira. Nesse período, a mulher não tinha acesso nem direito à escola, sendo suas funções resumidas a aprender as tarefas domésticas, como bordar, costurar, ser boa mãe e esposa, atribuições essas que foram impostas às mulheres até o século XIX (Vieira e Cruz, 2017, p.6).

A problemática em questão era ainda mais acentuada em relação às mulheres negras e indígenas, que na concepção dos homens portugueses só serviam como procriadoras, visando o crescimento do país. A mácula deixada por anos de abuso e exclusão dos espaços escolares é perceptível até a atualidade, muitas mulheres não conseguem concluir seus estudos de forma regular ou sequer desfrutam da oportunidade de frequentar a escola na infância. Segundo Clementino *et al.* (2020, p.11):

As mulheres que ocupam as salas de aulas da EJA são aquelas que têm assumido o papel de chefe de família, sendo elas as provedoras do sustento do lar e dos filhos. Em algum momento, não tiveram condições de dar continuidade aos estudos, devido aos dilemas sociais que enfrentaram no passado, bem como uma gravidez não planejada, necessidade de trabalhar para complementar a renda da sua família, afazeres domésticos, casamento ou falta de orientação familiar (Clementino *et al.*, 2020, p.11).

Desta forma, a Educação de Jovens e Adultos se apresenta como uma chance de reduzir os prejuízos decorrentes da exclusão prolongada das mulheres do sistema educacional. Além de oferecer a oportunidade de finalizar a educação básica, a EJA também facilita a reinserção dessas mulheres na sociedade, promovendo uma educação emancipadora.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos com a aplicação dos questionários apontam que a idade das entrevistadas se concentrou entre 23 a 59 anos e os estados civis predominantes foram solteira (57,6%) e casada (27,3%). Em relação a sua posição na família, 50% das discentes indicaram ser chefe de família, 28,1% declararam ter chefia compartilhada e 21,9% se consideram apenas membros da família.

No que diz respeito a filhos, 82,3% das mulheres são mães e 17,6% relataram não ter filhos. Com relação à habitação, 81,8% das entrevistadas residem na zona urbana e 18,2% na zona rural. No que concerne à profissão, 28,1% são donas de casa, 12,5% indicaram estar desempregada e as demais discentes apontaram exercer os mais diversos tipos de trabalho, a exemplo: agricultora, merendeira, cozinheira, auxiliar de cozinha, auxiliar de saúde bucal, esteticista, gari, empregada doméstica, empreendedora etc.

A importância de analisar o contexto social das entrevistadas reside na influência que ele possui na permanência e êxito das discentes na instituição de ensino. O público que constitui a Educação para Jovens e Adultos é diverso e possui especificidades que muitas vezes as alunas das turmas de ensino regular não possuem; a faixa etária, maternidade, matrimônio, existência de vínculos empregatícios e demais responsabilidades são apenas alguns dos fatores que as distinguem.

Observa-se nos dados apresentados acima que as mulheres que estudam na EJA possuem uma jornada dupla ou tripla de trabalho. De acordo com Clementino *et al.* (2020, p.2) “hoje, por meio da EJA, muitas mulheres procuram voltar aos estudos. Porém, torna-se difícil conciliar estudo com a vida secular, mediante as inúmeras tarefas que as mesmas têm que desempenhar no dia a dia”. Lima *et al.* (2021, p.133) enfatizam que:

É lícito dizer que esse cenário de desigualdades demonstra que ainda se vive em uma sociedade em que prevalece o patriarcado, em que mulheres são submetidas de forma “natural” às sobrecargas de trabalho (dentro e fora de casa), dificultando, de certa forma, o acesso a direitos que lhes são garantidos por lei, como a educação (Lima *et al.*, 2021, p.133).

Neste contexto, compreende-se o motivo de 60% das entrevistadas indicarem que a rotina cansativa é o principal entrave enfrentado em sua permanência na escola. As turmas de EJA, em sua maioria, atuam no período da noite justamente para atender a demanda de estudantes que possuem apenas este horário disponível para dar continuidade aos seus estudos. Segundo Basegio e Medeiros (2012, p. 15):

A questão do Ensino noturno, assim como a alfabetização de jovens e adultos, não é nenhuma novidade, pois desde os tempos do Brasil Império podemos verificar a preocupação governamental com a educação destinada aos adultos. Nesse sentido, naquela época, tal como hoje, as aulas noturnas eram destinadas a trabalhadores e buscavam proporcionar estudo àqueles que não tiveram oportunidades ou tiveram de

interrompê-lo devido a diversos fatores, principalmente em razão do trabalho (Basegio; Medeiros, 2012, p. 15).

Entretanto, é inegável que após um dia exaustivo com dupla ou tripla jornada de trabalho as mulheres encontram dificuldade em se concentrarem nas aulas ministradas, além de disporem de pouco tempo durante o dia para revisar assuntos que encontraram dificuldade em compreender e para realizar as atividades passadas em sala de aula.

Em detrimento disso, 15,2% das entrevistadas indicaram não conseguir acompanhar os assuntos passados em sala de aula como um dos problemas enfrentados, bem como 6,1% indicaram ter dificuldade em manter a concentração nas aulas, em ambos os casos é possível indicar a rotina exaustiva como a matriz dessas problemáticas. Outro fator indicado foi não conseguir aprender com a forma que os assuntos são ensinados (6,1%), de acordo com Jesus (2022, p.16):

Ao ensinar adultos, é importante para o professor atentar às características que afetam sua aprendizagem, especialmente como as experiências anteriores influenciam o pensamento; ao mesmo tempo, como a idade afeta sua capacidade cognitiva, como pode ajudar ou dificultar o aprendizado (Jesus, 2022, p.16).

Outrossim, 15,2% das alunas declararam possuir dificuldade em conseguir transporte para ir à escola todos os dias, esse grupo é constituído majoritariamente pelas mulheres que residem na zona rural, por morarem em um local afastado da cidade e que dispõe de poucas áreas do percurso asfaltada, é comum que o transporte disponibilizado pela prefeitura às vezes não consiga transportar as alunas, na maioria dos casos em decorrência das chuvas. Ademais, uma quantidade expressiva de discentes afirmaram não ter nenhuma dificuldade para permanecer estudando, totalizando 27,3% das respostas obtidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação para Jovens e Adultos configura-se como uma alternativa para as mulheres que não conseguiram ou não dispuseram da oportunidade de concluir seus estudos de forma regular. Entretanto, nota-se que socialmente muitas funções lhes são atribuídas, por vezes guiando-se pela divisão sexual do trabalho, gerando sobrecarga e dificultando a permanência feminina em outros ambientes sociais.

Mediante o exposto, é necessário levantar debates sobre a temática em questão, pois a maior dificuldade para a permanência e êxito das estudantes da EJA possui origem na divisão sexual do trabalho, onde são delegadas a elas a responsabilidade de criar os filhos, realizar os afazeres domésticos, trabalhar no cuidado dos familiares que necessitam de atenção especial e

de trabalhar para ter uma renda extra, tendo como resultado uma rotina exaustiva que influencia negativamente em seus estudos.

Palavras-chave: Mulheres; Discentes, EJA; Permanência; Estudos.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M. G. **Uma escola para jovens e adultos:** Reflexão sobre a Educação de Jovens e Adultos na perspectiva da proposta de Reorganização e Reorientação curricular, São Paulo: Editora Diálogo Freiriano, 2003.

BASEGIO, L. J.; MEDEIROS, R. L. **Educação de Jovens e Adultos:** problemas e soluções. Curitiba: Intersaberes, 2012.

CLEMENTINO, *et al.* Mulheres, trabalhadoras e mães: desafios para a conclusão do ensino médio na EJA em uma escola estadual de Fortaleza. **Revista Educação & Ensino**, Fortaleza, v. 4, n. 1, jan./jun. 2020.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

JESUS, Valdinete de Silva. A leitura como uma prática de letramento na Educação de Jovens e Adultos (EJA). **Caderno Intersaberes**, Curitiba, v. 11, n. 37, p. 4-17, 2022.

LIMA, *et al.* As mulheres da EJA: do silenciamento de vozes à escuta humanizadora. **Revista FAEEBA – Ed. e Contemp.**, Salvador, v. 30, n. 63, jul./set. 2021.

VIEIRA, Maria Clarisse; CRUZ, Karla Nascimento. A produção sobre a educação da mulher na educação de jovens e adultos. **Educação**, Santa Maria, RS, v. 42, n. 1, p. 45-56, 2017.